

Em Brasília, estudar dá mais lucro

Humberto Rezende
Da equipe do **Correio**

Daniel, 22 anos, parou de estudar na 5ª série. Seu irmão Edgar, 19, preferiu continuar os estudos e hoje cursa o 2º ano do ensino médio. Segue os passos da irmã mais velha, Sílvia, 28, que concluiu o 3º ano em 1993. Nas palavras do pai dos três, Joel de Oliveira Costa, 62 anos, “cada um traz um destino”. Destino que toma a forma de contracheques no fim de cada mês. Daniel é pedreiro, sem carteira assinada. Ganha em torno de R\$ 180 mensais. A irmã Sílvia, logo que terminou o ensino médio, conseguiu um emprego de recepcionista e recebe R\$ 400,00. Edgar espera também conseguir um bom emprego. Inscreveu-se num concurso público, de nível de ensino fundamental. Com o conhecimento que tem hoje, está confiante de conseguir a vaga que pagará R\$ 600,00.

A história da família Costa ilustra bem os resultados de um estudo feito pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). A pesquisa mostra que acumular anos de escolaridade é o melhor investimento que pode ser feito para quem quer ganhar mais. E traz novas revelações sobre o quanto vale um ano de estudo no Distrito Federal.

Comparando com as outras 11 maiores capitais do Brasil, Brasília aparece como uma das cidades que apresentam os maiores índices de retorno financeiro a cada ano de estudo. Nas quatro primeiras séries do fundamental, cada ano representa um aumento salarial médio de 8,1% — maior taxa das 12 cidades. De 5ª a 8ª séries, um ano costuma representar acréscimo de 9,2% — menor apenas que Belo Horizonte.

Isso significa que, geralmente, uma pessoa que cursou até a 4ª série tem um salário 8,1% maior que alguém que parou de estudar na 3ª série. “Brasília tem um prêmio maior que quase todas as capitais estudadas”, avalia José Carlos Libanio, coordenador da pesquisa no Pnud. “O resultado é um incentivo para que as pessoas prossigam nos estudos.”

COMBATE À DESIGUALDADE

A lição que o DF pode aprender com esses números é que as políticas públicas devem se preocupar em manter os mais pobres na escola pelo maior tempo possível. “O que Brasília precisa fazer é investir para manter os mais jovens na escola”, aponta Libanio.

Não se pode esquecer aí a importância de iniciativas como o programa Bolsa-Escola, agora estendido a todo o país, que garante a permanência de crianças pobres longe do tra-

balho precoce. Mais uma vez, basta observar a família Costa. O filho mais novo de seu Joel, André, 11 anos, é uma das crianças atendidas pelo programa no DF desde 1995 e nunca deixou de estudar. Foi por causa da bolsa que Edgar, agora no 2º ano, voltou ao colégio. “Para que nossa família ganhasse a bolsa, tive que voltar para a escola, porque tinha 13 anos na época. Mas fui bem e não quis mais parar”, conta o garoto.

O estudo do Pnud/Ipea chama a atenção também para o fato de que garantir apenas o ensino fundamental é privar uma grande quantidade de pessoas do acesso aos melhores salários. “Analisando os dados, vemos que o ensino médio e a universidade representam mais que dobrar o rendimento”, diz o consultor econômico Eduardo Starosta.

Maria Edileuza Menezes, 28 anos, conhece bem o desafio. Chegou a Brasília em 1986, vinda de Natal (RN), aos 13 anos, para ser babá. Explorada, ganhava o que hoje representariam R\$ 15,00 por mês. Acolhida por uma amiga da família, passou a estudar. Ao concluir o ensino fundamental, Maria Edileuza conseguiu um emprego de atendente de loja e recebia um salário mínimo. “Estudava à noite, cansada, mas sabia que não podia parar”, lembra.

Quando estava no ensino médio, trocou o emprego e foi trabalhar numa loja de confecções, onde, além do mínimo, recebia comissão por vendas. Há um mês, Edileuza tomou uma nova decisão. Pediu dinheiro emprestado, comprou cinco máquinas de costura e está montando a própria confecção. “Nunca seria empresária se não tivesse estudado. Como iria fazer as contas, negociar com os clientes, comandar uma equipe?”, indaga.

Acácio Pinheiro 23.5.01

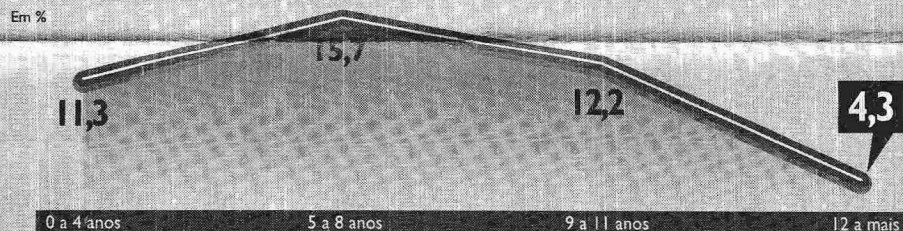


MARIA EDILEUZA ABRIU UMA CONFEÇÃO DE ROUPAS ÍNTIMAS E AGRADECE AOS ESTUDOS OS BONS RENDIMENTOS

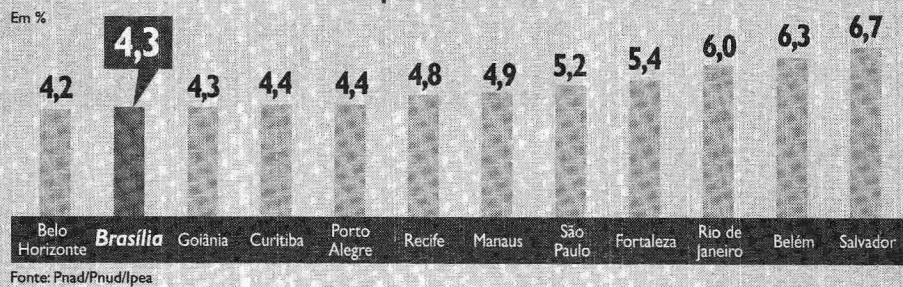
DESEMPREGO E ESTUDO

O estudo do Pnud/Ipea nas 12 maiores capitais do país mostra que continuar os estudos aumenta as chances de fugir do desemprego. No caso de Brasília, o índice de pessoas sem trabalho cai enormemente depois que são ultrapassados os 11 anos de escolaridade (ensino médio). Ainda segundo o estudo, aqui existe uma das menores taxas de desemprego entre as pessoas com nível superior

Taxa de desemprego no Distrito Federal de acordo com os alunos de escolaridade



Taxa de pessoas sem trabalho com mais de 11 anos de estudo nas doze capitais estudadas



QUANTO VALE SEU ESTUDO

Outro fato constatado na pesquisa é que a cada ano de estudo a pessoa pode aumentar consideravelmente seu rendimento. Em Brasília, o acréscimo salarial dá um salto a partir do ensino médio, com cada ano de escola significando um aumento de 18,6%, em média, no rendimento. No ensino superior, cada ano de estudo equivale a um aumento de 20,5%, em média. Calcule a seguir quanto sua renda mensal pode aumentar caso você continue a estudar, seguindo os mesmos passos apresentados no modelo:

Anos de Estudo Pretendidos (total)	Anos de Estudo Concluídos																(EM%)
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	
0	0																
1	8																
2	17	8															
3	26	17	8														
4	37	26	17	8													
5	49	38	27	18	9												
6	63	51	39	29	19	9											
7	78	65	52	41	30	19	9										
8	94	79	66	54	42	30	19	9									
9	130	113	97	82	68	54	41	29	19								
10	173	153	134	116	100	83	67	53	41	19							
11	224	200	177	157	137	117	99	82	67	41	19						
12	290	261	234	209	186	162	139	119	101	70	43	20					
13	370	335	302	272	244	215	188	164	142	104	72	45	21				
14	460	418	379	343	310	276	244	215	189	143	105	73	44	19			
15	580	529	482	438	398	356	317	282	251	196	149	110	74	45	21		
16	720	659	601	549	501	450	403	361	323	257	200	153	110	74	46	21	

Fonte das Informações Básicas: PNUD
Elaboração: ESTPLAN Assessoria e Planejamento Econômico LTDA

Editoria de Arte/Anderson Araújo

Mais emprego com 3º grau

Persistir nos estudos e concluir o ensino médio, como fez Maria Edileuza Menezes, é muito vantajoso para os moradores do Distrito Federal. A pesquisa feita pelo Pnud/Ipea mostra que, quando a escolaridade do trabalhador chega a esse nível, cada ano de estudo passa a ser extremamente valorizado. O aumento médio no rendimento chega a 18,6% — novamente a maior taxa das 12 capitais estudadas. O índice sobe ainda mais na universidade, onde cada ano de estudo acrescenta 20,5%. Os dados da pesquisa mostram que a diferença de renda entre quem terminou a 4ª série e quem tem o médio é de 137%.

O foco da pesquisa foi o Rio de Janeiro e não houve a preocupação de se explicar o mercado no DF. Mas para especialistas acostumados a analisar a capital federal, os dados fazem sentido. O primeiro fator apontado é a grande concentração de funcionários públicos em Brasília, o que explicaria os maiores aumentos na renda a cada ano estudado no fundamental e médio. “O funcionalismo público paga acima do mercado. O que é vantajoso para os profissionais de baixa qualificação”, analisa Eduardo Starosta.

Quanto à remuneração dada por ano de estudo na universidade, o índice apresentado por Brasília é mais parecido com o das outras capitais. Praticamente igual ao de Belo Horizonte e Goiânia e menor que o das capitais do Norte e Nordeste. Isso pode ser explicado porque o mercado de Brasília é todo voltado para o trabalhador melhor qualificado, nas empresas de informática e serviço. “Nesse grau de qualificação, o funcionalismo público deixa de ser um diferencial, equiparando Brasília às outras capitais”, diz Solange de Castro, especialista em colocação de pessoas no mercado.

Mas isso não representa desvantagem para quem investe no ensino superior. Brasília tem a segunda menor taxa de desemprego das 12 capitais analisadas na população com mais de 12 anos de estudo. Fica atrás apenas de Belo Horizonte. “Aqui há um mercado moderno, ávido por absorver pessoas bem qualificadas”, observa Solange. Há falta de gente para esse mercado. A pesquisa mostra que apenas 17,3% dos trabalhadores do DF têm nível superior.

O levantamento ainda apresenta alguns dados da evolução dos indicadores educacionais, como o número de crianças fora da escola. Compara dois períodos: de 1981 a 1985 e de 1995 a 1999. No primeiro espaço de tempo, o DF tinha 6,3% dos meninos e meninas entre sete e 14 anos fora da escola. No segundo período, esse índice se altera para 5%. Apesar de o indicador ter melhorado, o estudo mostra que entre um período e outro, algumas capitais tiveram desempenho melhor. No primeiro quinquênio, o DF tinha a segunda menor taxa de crianças fora da escola, atrás do Rio apenas. Na segunda medição vai para terceiro lugar, sendo ultrapassado por São Paulo e Curitiba e deixando o Rio para trás. “A pesquisa ajuda os governos a checar se suas cidades melhoraram ao longo do tempo, mas também a comparar essa melhora com o desempenho de outras cidades”, explica o economista Ricardo Freguglio, que participou da pesquisa. (HR)